

reportagem cultural



CARIN MANDELLI/DIVULGAÇÃO/JC

As datas de Martha Medeiros

Márcio Pinheiro

Reparem nas efemérides, nas datas redondas: no começo da semana passada, no dia 8 de julho, Martha Medeiros comemorou 30 anos de colunismo, um vínculo de três décadas com o mesmo jornal, no caso a Zero Hora, e com os milhares de leitores com quem ela conversou nesse período. Outra efeméride? Dez anos depois dessa estreia, em 2004, Martha foi convidada para começar uma colaboração com O Globo. Dessa parceria, Martha também celebra uma proximidade que lhe deu um novo público, maior e bem diferente daquele com o qual ela costuma cruzar nas suas caminhadas em Porto Alegre. Tem ainda o décimo aniversário da primeira montagem de *Doidas e Santas*, peça teatral baseada em textos seus e que, desde o último final de semana, ganhou nova encenação no Rio de Janeiro, com direção de Ernesto Piccolo e com Cissa Guimarães no elenco. Por fim, mais uma data se vislumbra no horizonte da cronista: os 70 anos da Feira do Livro de Porto Alegre, talvez o evento literário que mais se confunda com a trajetória dela. E dessa identificação surge uma novidade: pela primeira vez Martha admite que gostaria de ser lembrada como patrona da edição de 2024. “Durante anos, recusei. Agora, acredito que seria uma boa”.

“A melhor comemoração dos 30 anos de carreira da Martha seria revelar os seus livros de poemas”, sugere o publicitário, cronista, escritor e viajante profissional Ricardo Freire, lembrando uma faceta pouco lembrada da cronista. “Imagina alguém que pode pôr no currículo que Millôr Fernandes e Nelson Motta foram à noite de autógrafos do seu primeiro livro! A Martha pode”, diz ele. E acrescenta: “A Martha é tão poderosa que tem até homônima famosa – bem menos famosa, diga-se”.

Ricardo Freire, que convive com Martha há décadas, faz ainda uma outra revelação, essa de caráter mais pessoal: “A Martha começou a namorar o Telmo (Ramos, também publicitário e que morreu em abril, vítima de uma parada cardíaca), seu primeiro marido e pai das suas filhas, na casa da minha família em Garopaba, num feriadão em

Uma lista (incompleta) de obras de Martha Medeiros

- ▶ Strip-Tease (1985)
- ▶ Meia noite e um quarto (1987)
- ▶ Persona non grata (1991)
- ▶ Geração Bivolt (1995)
- ▶ Topless (1997)
- ▶ Trem-Bala (1999)
- ▶ Non Stop (2000)
- ▶ Divã (2002)
- ▶ Montanha-Russa (2003)
- ▶ Esquisita como eu (2004)
- ▶ Tudo que eu queria te dizer (2007)
- ▶ Doidas e santas (2008)
- ▶ Fora de mim (2010)
- ▶ A graça da coisa (2013)
- ▶ Simples assim (2015)
- ▶ Quem diria que viver ia dar nisso (2018)
- ▶ A claridade lá fora (2020)

turma. Fui um cupido por circunstâncias imobiliárias”.

Sozinha – mas não solitária – Martha, aos 62 anos, está agora recém-separada de um relacionamento – “namoramos seis anos, com cada um mantendo a sua própria casa”. Mãe de duas filhas já adultas (a mais velha, Júlia, de 33 anos, mora em Paris; a mais nova, Laura, de 28, vive com ela), Martha atravessa essa boa fase sendo considerada um dos mais bem-sucedidos casos de longevidade e de relevância na crônica feita no Rio Grande do Sul.

E antes que 2024 acabe, Martha volta a fazer o que sabe de melhor: lançar mais um livro. Seguindo um formato semelhante ao de *Comigo no Cinema*, em que elencava seus textos que foram inspirados por filmes e que resultavam em pensamentos e sensações que voltavam com ela para casa depois de assistir uma sessão de cinema, Martha agora fará *Comigo na Livraria*, em que comenta como os livros dos outros a impactaram. Um livro sobre livros.

Por tudo isso há muito o que festejar.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

A essência do teatro

O projeto *Atos e cenas* foi idealizado a partir da Fundação Theatro São Pedro e o IEACEN - Instituto de Artes Cênicas, através da Sedac, após as enchentes, concretizando-se no edital 03/2024, com apoio do Sesc/RS - no sentido de abrir espaços de trabalho para grupos teatrais afetados pelos cataclismas. Ele ocorre todas as quartas feiras, com espetáculos às 19h, no Teatro Oficina Olga Reverbel, do Multipalco, que constitui parte da Fundação Theatro São Pedro.

O primeiro trabalho apresentado foi *Raiz amarga*, projeto do diretor Clóvis Massa, com a atriz Letícia Schwartz, a partir de depoimento de Reli Gizelstein Blau, avó da atriz, à USC Shoah Foundation, em setembro de 1997. Fica evidente que o espetáculo a que estamos assistindo agora, e que na verdade já cumprira pequena temporada no ano passado, recebendo o Prêmio Açorianos de teatro Adulto como Melhor espetáculo, melhor direção, melhor atriz, melhor dramaturgia e melhor cenografia, experimentou uma longa e aprofundada maturação. Mais de vinte anos...

O espaço do Olga Reverbel é ideal para este tipo de trabalho, que exige a cumplicidade do espectador que se torna participante da encenação: neste caso, cada um de nós reparte da cerimônia íntima mas universal do Pessach, por todo o indivíduo de origem judaica, celebrando a saída do cativo do Egito e a travessia do deserto, chegando à terra prometida. É uma cerimônia íntima, porque ocorre no recesso familiar, mas é universal, porque sua simbologia é universal, mesmo para os não judeus. Quem de nós não conhece aquelas passagens do Velho Testamento?

Letícia Schwartz reelaborou aqueles registros e memórias e resultou neste *Raiz amarga*, referência ao maror, conjunto de raízes amargas que são utilizadas na confecção daquela refeição e que simbolizam, evidentemente, as agruras da salvadora mas longuíssima viagem. No texto cuja dramaturgia é assinada pela atriz e o diretor, temos uma dupla narrativa, sobrepondo-se uma à outra e constituindo, ao final, uma única reflexão, que atualiza àquelas memórias, tanto as da avó, quanto as da neta: as travessias que parcelas marginalizadas das populações contemporâneas continuam enfrentando para sobreviver em meio às perseguições, preconceitos ou

simplesmente negações sobre suas existências e suas precaríssimas condições de resistência.

A encenação, de cerca de uma hora de duração, tem as figuras de Arlete Cunha, como a avó - excepcional - e a própria Letícia Schwartz - pura verdade - como intérpretes da avó e da neta. Embora o espaço básico esteja concentrado em torno da mesa/altar da cerimônia da comida, o roteiro salta para espaços diversos e tempos variados, compondo gradativamente um painel das relações entre a avó e a neta, evidenciando a importância da mais velha, não apenas quanto à herança judaica, quanto ao sentimento de justiça social que a mais nova adquire e cuja consciência a faz participar de esforços no sentido de se ultrapassarem os preconceitos e estereótipos.

Neste sentido, o espaço cênico, composto pelo próprio diretor, graças à iluminação criada por Carol Zimmer e os figurinos - criação do grupo - mais a trilha sonora de Daniel Roitman, que retoma temas tradicionais judaicos, permite que todos repartamos aquela cerimônia que anualmente é retomada pelas famílias judias, mas que aqui tem seu sentido ampliado e projetado para muito além daquele espaço. A proposta realista (no sentido de que vamos comer e beber, efetivamente, as coisas ali servidas), mas ao mesmo tempo profundamente poética, com um ritmo lento mas muito bem marcado para o desenvolvimento do espetáculo, dando tempo a que cada um introjete as experiências vividas e as referências trazidas, faz com que *Raiz amarga* se transforme num trabalho de exceção, e é mais do que justo ter sido tão destacado com as premiações do ano passado, assim como ter oportunidade de voltar à cena para ser mais visto, mais conhecido e mais valorizado. Trata-se de um espetáculo que eleva a arte teatral, porque resulta de uma referencialidade histórica e cultural eminentemente universais, um espetáculo fortemente idealizado e assim criado e, enfim, de um verdadeiro encontro entre artista e espectador que só a verdadeira arte permite.

Emocionante, tocante, fundamental, *Raiz amarga* merece mais oportunidades para ser visto e admirado. É um espetáculo que revela a essência do teatro.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Decepções e expectativas

Dois filmes dos quais muito se esperava têm sido recebidos com restrições no início de suas apresentações regulares, depois dos protocolares aplausos no Festival de Cannes. Um deles, *Megalopolis*, do veterano Francis Ford Coppola (84 anos), um projeto ambicioso sobre arquitetura, parece não corresponder a suas ambições. O cineasta, cuja trilogia sobre a máfia é um dos grandes momentos do cinema, parece não ter alcançado o que planejava e desta vez não igualando o nível de *Apocalypse Now*. De qualquer forma, um filme de Coppola gera sempre alguma esperança de um cinema que, pelo menos, se afaste da superficialidade dominante. E, além disso, também é importante olhar com alguma desconfiança manifestações críticas que nem sempre correspondem à realidade. Outro filme que tem encontrado manifestações marcadas até mesmo por insultos, que o classificam como o mais chato das últimas décadas, é *Horizon: an american saga*, também exibido em Cannes e aplaudido durante alguns minutos. Este é ainda mais ambicioso do que o de Coppola. O filme é dirigido, produzido e protagonizado por Kevin Costner e deverá ser lançado em duas partes, ambas com duas horas de projeção. O adjetivo chato nada diz além de expressar uma opinião pessoal, mas as restrições são muitas e a obra tem sido classificada como apenas o primeiro episódio de uma nada prometedora série de televisão. Numa fase em que o cinema tem sido dominado pelo infantilismo, que nada tem a ver com os indispensáveis filmes para crianças, é triste ver que obras que procuram outros caminhos são recebidas de tal forma.

Florian Zeller, nascido em Paris em 1979, é o diretor de *Meu pai* e *Um filho*. O primeiro possibilitou ao ator Anthony Hopkins receber o segundo Oscar de sua carreira. Os dois são obras notáveis, sendo o segundo marcado por um epílogo de uma dramaticidade incomum. Por enquanto não há informações sobre um novo filme do diretor, cujos primeiros trabalhos

foram no teatro parisiense. Seus filmes aqui exibidos permitem colocá-lo entre os mais importantes da atualidade, numa época em que as produções da Marvel recebem mais atenção, inclusive pela chamada crítica especializada. Zeller explora o universo familiar, algo que fica evidente nos títulos de seus filmes aqui exibidos. Seu olhar para tal cenário não restringe a amplitude do espaço explorado, pois ele sabe ver nas relações familiares os sinais que compõem um microcosmo revelador da crise de nosso tempo. Os minutos finais de *Um filho* não são apenas impactantes. Eles revelam distâncias, incompreensões e o doloroso sentimento de uma perda causada pela indiferença. Peter Vaclav, o diretor de *Il Boemo*, filme recentemente exibido na Festa do Cinema Italiano, tem sido visto por alguns como um nome a ser seguido com atenção. Seu filme sobre o compositor tcheco Josef Myslivec, que fez carreira na Itália, não chega a ser um *Amadeus*. Mas tem o mérito de colocar na tela um compositor pouco conhecido. Além disso há uma cena curiosa, que reconstitui o encontro verídico entre o protagonista e o então menino Mozart. Vaclav nasceu em Praga, em 1967 e este é seu primeiro filme internacional, pois se trata de uma coprodução com a Itália.

Atualmente com 94 anos, Clint Eastwood parece mesmo interessado, como ele já afirmou, a repetir Manoel de Oliveira. Seu novo filme, um drama de tribunal, se intitula *O segundo jurado* e descreve o que acontece depois que é revelado que um dos integrantes do júri de um julgamento é acusado de ter participação no caso. No elenco, o nome mais conhecido é o da australiana Toni Collette. Eastwood é o realizador de dois grandes momentos do cinema: *Os imperdoáveis* e *Menina de ouro*. Além disso, *As pontes de Madison*, *Um mundo perfeito*, *Gran Torino* e o díptico sobre a guerra no Pacífico, formado por *A conquista da honra* e *Cartas de Iwo Jima*, são obras notáveis de uma filmografia das mais expressivas.

fique ligado

Uma noite de Bee Gees

O Geminis Bee Gees, reconhecido entre os fãs-clubes do mundo todo pela sua capacidade de recriar os shows dos Irmãos Gibb, vai retornar a Porto Alegre no palco do Auditório Araújo Vianna (Parque Farroupilha, 685), nesta sexta-feira, às 21h, com um espetáculo especial chamado *Uma Noite com os Bee Gees*. Os ingressos, que já estão no terceiro lote, partem

de R\$ 110,00 e estão à venda no Sympla.

Com mais de 60 anos de estrada e 200 milhões de discos vendidos, os Bee Gees seguem no imaginário e nos ouvidos das pessoas. Vencedor de 10 Grammy's, Barry, Robin e Maurice hoje são lendas da música pop. O espetáculo concebido pelo Geminis propõe contar justamente essa trajetória.

Reproduzindo com fidelidade os arranjos originais e o aparato cenográfico, o trio vai executar hits do tamanho de *Stayin' Alive*, *How Deep Is Your Love* e *More than a Woman*, intercalados com quadros em que a carreira do lendário grupo será contada de forma interativa. O show vai fazer ainda uma homenagem para Andy Gibb (1958-1988), o irmão mais novo dos Bee Gees.

FELIX ZUCCO/DIVULGAÇÃO/JC



Show desta sexta-feira no Araújo Vianna promete levar o público em uma viagem pela trajetória dos irmãos Gibb

Música nativista instrumental na Fundação Ecarta

Um show autoral de música instrumental com raízes gaúchas e conexões universais é a proposta de Gabriel Romano & Equilíbrio Dinâmico Trio no Ecarta Musical da Fundação Ecarta (av. João Pessoa, 943) deste sábado. Às 18h e com entrada franca, a apresentação também terá transmissão ao vivo pelo YouTube da Fundação Ecarta. O trio é formado por Miriã Moreira Farias (violino), Venâncio

da Luz (flauta e guitarra) e Gabriel Romano (acordeon).

Inspirado em Hermeto Pascoal, Sivuca e Arnold Schoenberg, o trio cria sonoridades que prometem plantar sementes de paz e harmonia nos corações do público. No repertório, composições de Gabriel Romano, além de temas como *Milonga para as missões*, de Gilberto Monteiro, e *Libertango*, do argentino Astor Piazzolla.

Carninverno do Bloco da Laje está de volta

O coletivo carnavalesco e teatral Bloco da Laje volta ao palco do Bar Opinião (rua José do Patrocínio, 834) na sexta-feira, para uma nova edição do seu Carninverno. O evento começa às 23h, sob o comando do DJ Kafu, e segue com show de abertura do Areal do Futuro. A noite promete muitas novidades do Bloco da Laje até às 5h da manhã. Ingressos no Sympla, a partir de R\$ 20,00. O Bloco da Laje construiu seus alicer-

ces sobre o afeto, o lúdico, a brincadeira e a irreverência como forma de se expressar e de mostrar que a alegria pode ser um agente transformador. Formado por indivíduos vindos das mais diversas áreas, construiu um trabalho autoral cênico, musical e carnavalesco que inclui show, teatro, reivindicação do direito da alegria, celebração da arte do encontro e da brincadeira, resistência, resgate do espaço público, da arte na rua.

Livro ilustrado sobre amizade e natureza

Clarice Bourscheid e Joana Puglia lançam neste sábado, no Instituto Ling (rua João Caetano, 440), seu livro ilustrado *A Araucária e o Ipê Amarelo* (Helvetia Éditions, 24 páginas, R\$ 60,00). Escrita por Bourscheid e ilustrada por Puglia, a obra é ideal para leitura em família e recomendada para crianças a partir de 7 anos. A obra teve lançamento internacional em março deste ano no Salão do Livro de Genebra. A partir das 10h30min, o evento conta com um bate papo com autora e ilustradora e, das 11h às 12h30min, a sessão de autógrafos terá apresentação do flautista Klaus Volkmann.

A história conta sobre as belezas da natureza, as diferenças, a generosidade e a força que as amizades verdadeiras têm para fazer florescer em cada um o que há de melhor. A interação entre uma jovem araucária e um maduro ipê, que vivem no mesmo jardim no sul do Brasil, revela uma dimensão de profundidade e delicadeza proporcionadas por uma amizade intergeracional.

Agenda

- Segunda edição do fascículo *Hector, o Mago Dragão e a Ferrovia Secreta* terá sessão de autógrafos sábado, dia 20, às 15h, na livraria Leitura, do BarraShoppingSul (Diário de Notícias, 300). Entrada franca.
- Músicas autorais e releituras da MPB e do pop internacional no show de René Floyd no Parangolé Bar (Lima e Silva, 240). Sábado, 20h, couvert de R\$ 20,00 no local.
- Grupo argentino Café Preto Jazz toca standarts do gypsy jazz e composições próprias na sexta-feira, às 19h, no Choro Jazz Café (Santana, 51). R\$ 20,00 no local.
- Espetáculos infantis *A máquina do tempo* (sábado, 16h) e *Mu e Malu: dando asas à imaginação* (domingo, 16h) encerram o projeto Recomeça Teatro no Sesc Alberto Bins (Alberto Bins, 655). Gratuito, mediante doação de alimentos e/ou materiais de limpeza na bilheteria.
- Grupo Feminino e o Tambor, reunindo 13 mulheres em performance

- com sonoridades orientais, ancestralidade e conexões com a natureza. Domingo, às 15h, na Associação Alvo Cultural (Baltazar de Oliveira Garcia, 2.132). Gratuito.
- Vernissage da exposição *Subscrito*, de Fernando Bakos, no V744 Atelier (Visconde do Rio Branco, 744). Sábado, das 17h às 20h, entrada franca.
- Ospa homenageia herança cultural alemã na sexta-feira, às 20h, em concerto no Teatro Univates (Avelino Talini, 171 - Lajeado). Regência de Evandro Matté e a cantora lírica Raquel Fortes como solista convidada. Ingresso mediante doação de 2 litros de leite, com distribuição de ingressos na Biblioteca Univates.
- Trip Teatro apresenta os teatros de bonecos *A Cerveja do Papa* (sexta, 19h30min) e *O Flautista de Hamelin* (sábado, 16h) no Goethe-Institut Porto Alegre (24 de Outubro, 112). Entrada franca, com distribuição de senhas uma hora antes de cada espetáculo.



reportagem cultural

O papo é reto, o texto, direto

Márcio Pinheiro *

Como a entrevista tem seu ponto central na literatura, nada mais natural que escritos pessoais, livros e autores ganhem uma maior dimensão. Minha primeira pergunta tinha a ver com uma coluna em que ela encerrava com duas enigmáticas frases: “Se acha que essa história terá um final feliz, pode tirar o cavalo da chuva (será uma expressão apropriada?). Eu não consigo mais me ler. Você já se sentiu assim?”, constatava ela, antes de finalizar logo a seguir: “Deve ser consequência das mudanças todas, internas e externas. Elas reviram a gente, e o que deu para entregar foi isso. Torço para ainda ser a titular dessa coluna semana que vem”.

Publicada no final de maio, época em que o jornal que Martha trabalha vivia um período de grande efervescência - com a dispensa de colunistas importantes, como Cláudia Tajes, sua velha amiga, e Flávio Tavares, decano dos jornalistas gaúchos - o texto dava margem a infinitas interpretações. Até mesmo a de

que aquela parte seria uma despedida, voluntária ou não. “Não, não costumo mandar recados pela minha coluna”, diz Martha. “Aliás”, corrige-se, “mandei uma única vez, mas o destinatário não entendeu que era para ele”.

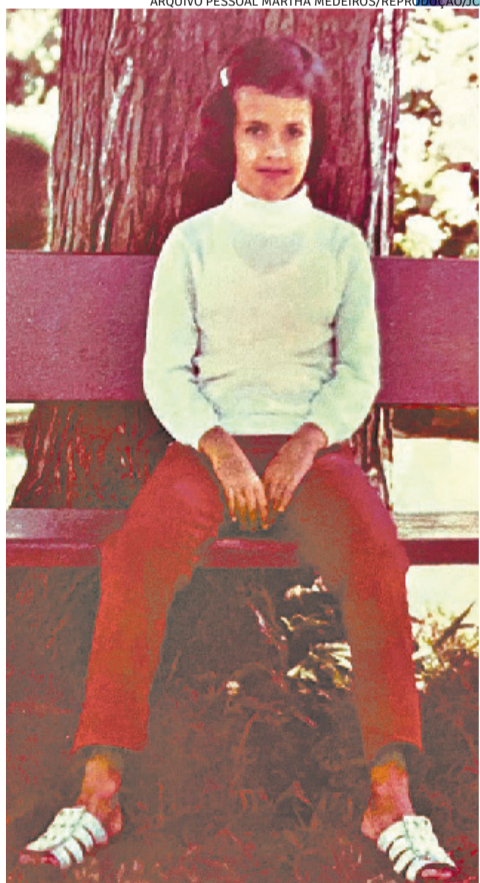
Porém não foi o caso do texto citado. Martha não estava fazendo nenhuma indireta. O final apenas tinha a ver com o teor do que ela havia escrito e que tratava do principal medo que atinge a todos que têm a obrigação de escrever com frequência: ficar sem assunto.

“Difícil não é escrever. Difícil é ter assunto”, explica Martha, que semanalmente tem que buscar temas diferentes para a

coluna. Parte da inspiração pode vir do cinema. Outra parte dos leitores. Uns escrevem, alguns mandam e-mails longuíssimos. Isso mesmo: e-mails. “Como não tenho secretária, nem agente literário, tudo é feito por mim, respondo a todos os e-mails”, explica. “Muitas vezes recebo relatos que me emocionam e já fiz alguns amigos pela internet”, conta ela.

Com Martha o papo é reto, o texto, direto. “O que eu escrevo é exatamente o que o leitor lê”, explica. E como se faz isso? “Quem me pauta sou eu. Desenvolvo os temas que gosto de debater e busco sempre as melhores palavras”. Simples assim.

CARIN MANDELLI/DIVULGAÇÃO/JC



ARQUIVO PESSOAL MARTHA MEDEIROS/REPRODUÇÃO/JC

Martha Medeiros comemora 30 anos de atividade e admite que ser patrona da próxima Feira do Livro de Porto Alegre poderá ser uma alternativa agradável

Primeira crônica de Martha em jornal foi publicada quase por acaso



Leitores que se aproximam geralmente são breves e educados

“A Martha tem o dom de fazer com que a leitora, o leitor, sempre se identifiquem com os textos dela”, analisa a também cronista Cláudia Tajes. “Eu sou viciada em comentários de crônicas e é incrível como quem lê a Martha sempre diz: ‘Puxa, essa foi escrita pensando em mim’”, indica Cláudia. “Ela tem um olhar apurado e se coloca no lugar do outro. Ela é uma cronista dos nossos tempos, das nossas angústias e prazeres. E é uma leitora voraz, que ainda escreve poesias e romances!”, define a atriz Júlia Lemmertz.

Essa identificação, percebe Martha, se materializa também no contato pessoal. Martha comemora o fato de quem se aproxima dela sempre chega com uma palavra gentil, educada e de estímulo. “Ao vivo, recebo o que considero um assédio respeitoso. Os leitores que se aproximam geralmente são breves e educados. Sinto-me acarinhada”. Sabendo desse perfil de quem a cerca, ela evita o quanto pode entrar em bolas divididas, em especial temas políticos personalizados na disputa Bolsonaro vs. Lula. “A política não está entre os temas que mais me fascinam. Mas não posso ficar alheia, muitas vezes eu tenho uma responsabilidade cívica em me manifestar”, explica.

Foi dessa forma, simples e direta, toda a trajetória de Martha, desde o começo. A chegada à crônica foi quase surpreen-

dente. Martha, na época morando em Santiago do Chile (o marido havia recebido uma boa proposta profissional), escrevia alguns textos que mostrava para poucos amigos. Um desses amigos, que trabalhava na ZH, fez a ponte com a direção de redação, que gostou da ideia e sugeriu que o texto fosse publicado no caderno Donna. Não parou mais.

O tema, lembra Martha, também ajudou. Ela comentava a capa de uma revista, que alardeava que a virgindade estava voltando a ser moda. “Era um absurdo tratar um assunto desses dessa maneira em 1994”, avalia Martha. “O meu texto foi bem aceito, os editores gostaram e eu fui ficando”.

A identificação de Martha com seu público é fundamental. Muitos regulam de idade com ela - o que confirma uma proximidade entre leitor-autor de três décadas - alguns já têm mais de 70 anos e pouco são jovens. “Jovem não lê”, constata Martha. “Muitos não têm paciência para acompanhar uma crônica do início ao fim”. Essa variedade entre o perfil dos leitores pode ser percebida nas longas e demoradas sessões de autógrafos. Dois terços da presença nas sessões e nas palestras é formada por mulheres. Porém, há uma curiosidade. “Os que mais se expõem são os homens. Alguns falam de suas angústias, relatam dúvidas e questionamentos.”

A poesia como forma de se desnudar

Antes do sucesso editorial e de lotar sessões de autógrafos, Martha já havia se desnudado em *Strip-Tease*, livro de poemas publicados pela Editora Brasiliense, de São Paulo. Poesia era algo que Martha escrevia em casa, uma espécie de válvula de escape com relação ao trabalho publicitário que dominava o seu cotidiano. Ela trabalhava em agência de publicidade e gostava de ler a série *Cantadas Literárias*, editada pela Brasiliense, que trazia nomes como Paulo Leminski, Cacaso, Ana Cristina César, Ledusha e Alice Ruiz. “Com 23 anos, mandei uma carta para o Caio Graco Prado, o dono da editora, com alguns poemas de minha autoria”. Caio Graco Prado gostou

e a convidou para lançar seu primeiro livro nessa mesma coleção.

Depois, ela seguiu produzindo. Hoje são mais de 30 livros entre obras de poesia, coletâneas de crônicas - a L&PM é a sua principal casa editorial - e dois livros de ficção, *Divã* (2002) e *Fora de Mim* (2010), ambos pela Editora Objetiva. “Nossa relação profissional e de amizade vem lá dos anos 1980, quando lançamos *Meia-Noite e um Quarto*, um livro de poesias. Sou um grande admirador da poesia de Martha Medeiros. No mais, é uma amiga de décadas, cuja carreira eu tenho orgulho e o privilégio de acompanhar nestes quase 40 anos de convivência”, atesta o editor

Ivan Pinheiro Machado.

Houve ainda adaptações para o teatro e o cinema. Júlia Lemmertz lembra: “A gente se encontrava em festas e havia uma simpatia mútua, aquilo de ‘ah, eu quero fazer um texto seu um dia...’ Aí aconteceu de ela adaptar umas crônicas para o teatro e nasceu o *Simples Assim*, que o Ernesto Piccolo, muito meu amigo e dela, me chamou para fazer. Foi uma temporada linda, pois o texto falava muito com o público, que se divertia e se emocionava”.

Ao ver a transposição de seus textos para telas e palcos, Martha analisa: “Minha obra anda e eu não me preocupo muito. Gosto das adaptações,



embora reconheça que muitas vezes o que eu escrevi tenha sido modificado. Mas não tenho tamanha possessividade com o meu texto”.

O momento é de recolhimento

Nascida em Porto Alegre, ex-aluna do Colégio Bom Conselho, colorada, Martha também é uma alucinada por viagens. Além dos destinos mais óbvios, no Brasil e no Exterior, Martha já atravessou o mundo para conhecer Honolulu e Tóquio. Agora, seu passeio mais recente foi em fevereiro, quando se encontrou com a filha Júlia na França e, ao lado dela, fez um roteiro que incluía Chamonix, Verona e Eslovênia. O próximo destino? Martha nem pensou nisso ainda. “Com o aeroporto de Porto Alegre fechado, nem tenho como planejar nada. Quando reabrir, eu começo a montar um novo roteiro”, explica. “Agora o momento é de ficar em casa, de recolhimento”.

Recolhida, o maior luxo que Martha se permite é o de trabalhar em casa e - atualmente - escrever só sobre aquilo que gosta e que lhe interessa. Raras são as encomendas. “Sempre tem alguém querendo que eu faça um relato de alguma família, que a própria família reconhece como muito divertida e original”, conta Martha. “Eu nunca aceito”.

No amplo apartamento no décimo andar de um edifício no bairro Bela Vista,

em Porto Alegre, Martha reserva um recanto agradável e ensolarado para o seu computador. “Como não sei escrever em café, restaurante, e não me adapto bem aos notebooks, preciso escrever em casa de maneira tranquila”, ensina. Além da mesa do computador, o espaço é tomado por estantes, repletas de livros, muitos deles de autores que Martha admira como Fernando Pessoa, Philip Roth, Paul Auster, Ian McEwan, Ernesto Sábato, José Saramago, os conterrâneos Claudia Tajes e Luis Fernando Verissimo.

Esta liberdade para escrever sobre o que lhe interessa Martha conseguiu depois de quase duas décadas dedicadas à publicidade, com trabalhos para várias agências de Porto Alegre. A publicitária foi sendo ultrapassada pela escritora a partir de meados dos anos 1990. Primeiro com a coluna que passou a ser publicada duas vezes por semana em Zero Hora - uma no caderno Donna, que circula aos domingos, e outra às quartas-feiras na página editorial.

Mais do que as colunas, os livros são um sucesso, em especial *Divã*. Escrito em 2002, até hoje tem boas vendagens. Ocupou durante semanas a lista dos mais

vendidos, superando a marca de cem mil exemplares. Além disso, *Divã* foi publicado na França, Suíça, Itália, Espanha e em Portugal. Parte desta força deve ter sido potencializada primeiro pela peça (que ficou mais de três anos em cartaz), depois pelo filme (que foi visto por mais de dois milhões de espectadores) e ainda pelo seriado televisivo.

“A Martha escreveu a orelha do meu primeiro livro na véspera de uma viagem, já com o pé no avião”, lembra Cláudia Tajes. “Ela é sempre generosa com autores iniciantes - e a gente sabe que uma apresentação da Martha conta muitos pontos”. Ricardo Freire vai numa linha parecida: “Compartilhamos a origem na publicidade e a paixão por viagens e pelo Rio de Janeiro. O fato de ela ter saído da publicidade, bem mais cedo que eu, me enche de inveja. E a paixão pelo Rio é a prova de que ela sabe viajar”.

E, celebrando a amizade, Cláudia conclui: “Tenho a alegria de dizer que ela é uma das minhas melhores amigas e que encontrar a Martha para tomar um vinho e falar da vida tem sido um lindo programa há anos. Que continue sendo por muitas e muitas safras”.

“A sofisticação do mal sempre me atraiu”

- Qual o seu livro inesquecível?**
Equador, de Miguel Sousa Tavares.
Big Loira, de Dorothy Parker.
Enclausurado, de Philip Roth. *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. E centenas de outros.
- Qual seu trecho inesquecível?**
Clarice Lispector escrevendo que “até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”.
- Qual o livro que mais o perturbou?**
Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago.
- Qual o livro que você gostaria de ter escrito?**
Todos os que não escrevi e reverencio. Milhares.
- Qual o personagem que você gostaria de ter criado?**
Tom Ripley, de Patricia Highsmith. A sofisticação do mal sempre me atraiu.
- Qual o maior livro da literatura brasileira?**
Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa.
- Qual o maior escritor da literatura brasileira?**
Dificuldade enorme de eleger “o maior”. Machado de Assis? Guimarães Rosa? Clarice Lispector? Não sei.
- Qual o livro que você mais relê?**
Releio filosofia contemporânea, trechos aleatórios. Tem tanto livro novo me aguardando que não posso me dar ao luxo de reler um livro inteiro que já tenha lido.
- Qual o livro mais superestimado que você conhece?**
Olha, não entendo muito o sucesso dos poetas concretistas.
- Qual o livro mais subestimado**

- que você conhece?**
Acho que Luis Fernando Verissimo deveria ser muito mais incensado do que é.
- Qual livro merece ser adaptado para cinema?**
Tudo é Rio, de Carla Madeira.
- Qual livro foi adaptado para o cinema e o resultado foi frustrante?**
Caio Fernando Abreu sempre foi bem maior do que as adaptações que teve.
- Qual o livro que você daria de presente?**
Rosa Montero sempre é um acerto.
- Qual o livro que você gostaria de ganhar?**
Atualmente, *Jantar Secreto*, do Raphael Montes e *A Mais Recôndita Memória dos Homens*, de Mohamed Mbougar Sarr.
- Qual deve ser o maior mérito de um escritor?**
Seduzir o leitor.
- Cite um grande livro de um grande autor.**
Vou ter que me repetir: *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.
- Cite um grande livro de um autor pouco conhecido.**
Longamente, do francês Erik Orsenna
- Cite um livro que você esperava gostar e que o decepcionou.**
Decepcionou tanto que não lembro...
- Cite um livro de que você não esperava nada e o surpreendeu.**
Migrações, de Charlotte McConaghy
- Dentre os livros que você escreveu qual considera o mais importante? Ou que você gosta mais?**
Fora de Mim e *Tudo que eu queria te dizer*.

nas telas



IMAGEM FILMES/DIVULGAÇÃO/JC

Filme dirigido pelo coletivo RKSS, *Hora do Massacre* estreia nos cinemas

Luta desesperada por sobrevivência

Mais novo filme do grupo de diretores Road Kill Superstars, ou RKSS, *Hora do Massacre* (FRA/CAN, 2024, 81min) traz um conflito sangüinário entre jovens ativistas da geração Z e um assassino obsessivo. A trama se desenvolve ao redor de um grupo de jovens ativistas que invade uma loja de móveis a fim de protestar e chamar

a atenção para as mudanças climáticas, porém, acabam ficando presos com um segurança obcecado por caça primitiva, interpretado por Turlough Convery. O que começa com um protesto rapidamente se transforma em uma luta por sobrevivência e um massacre, onde cada jovem deve fazer o que for preciso para sair vivo de lá.

Cinebiografia de Bob Marley chega ao streaming

O Paramount+ anunciou a estreia de *Bob Marley: One Love*, filme biográfico do artista de reggae, para o dia 03 de agosto, exclusivamente para a plataforma de streaming. O filme explora a história de autoaperfeiçoamento de Bob Marley e a jornada por trás de sua música, que mudou o mundo. O longa da Paramount Pictures, é estrelado por Kingsley Ben-Adir,

Lashana Lynch e James Norton. A produção é da Plan B Entertainment, State Street Pictures e Tuff Gong Pictures, dirigido por Reinaldo Marcus Green com história de Terence Winter e Frank E. Flowers, e roteiro de Terence Winter, Frank E. Flowers, Zach Baylin e Reinaldo Marcus Green, com trilha sonora de Kris Bowers.

Resolvendo problemas na base da lábia

Através de um tom de humor que se assemelha, em certos momentos, a uma chanchada contemporânea, o longa-metragem *Greice* (BRA, 2024, 110mins), assinado por Leonardo Mouramateus, traz a história de uma estudante de Belas Artes que vive em Lisboa, Portugal. Quando se envolve em um acidente e fica suspensa por tempo

indeterminado, ela decide voltar sem que ninguém saiba à Fortaleza, sua terra natal no Brasil, para a regularização de seus documentos. Escondida em um quarto de hotel, a jovem tem como artifícios poderosos seu carisma e uma lábia indiscutível, enquanto evita que sua mãe descubra os apuros em que se envolveu.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Cálculos aproximados (de custos)	Cana-de-açúcar, ouro e café (Hist. BR)			Caráter de todo número primo, exceto o 2		Jorge de (?), poeta de "Invenção de Orfeu"	Divisão social hindu criticada por Buda
	Status dos EUA no cenário mundial			(?)-bone, tipo de corte de carne bovina		Software que evita o ataque de hackers	
(?)-chave: facilita buscas na internet	Caixa Postal (sigla)			Modelo de saia curta			
Deusa da (?): Mnemosine (Mit. gr.)	Cortês			Coleção de sonetos de temática amorosa, de Olavo Bilac		Thomas Seebeck, físico alemão	
						Imagens da Igreja Ortodoxa russa	
			Marido de Fátima, filha de Maomé			Sentar, em inglês	
Componentes do banho de cheiro		Arbusto aromático				Rubídio (símbolo)	
		Exprime espanto			Prender; ligar		
Estrutura visada na RPG (Anat.)	Opção de Hamlet (Teat.)		Correto (abrev.)	Realização divulgada por governos		(?) Moritz, destino turístico suíço	
			Letra da crase	Pedra vermelha			
Sintoma da relação conjugal desgastada		O foco da Etiologia no estudo da doença					Ilha do golfo de Nápoles (Itália)
				Barco de passeios litorâneos		Antigo império andino	
				(?) truck: lanchonete sobre rodas (inglês)		Desaparece	
Estado mais próximo do Pacífico	Górgias e Protágoras (Filos.)						
	Pátria (fig.)				Artigo definido masculino		Código de Portugal no endereço da web
(?)-peregrino, a mais veloz das aves			Sufixo de "arranhão"	Juros por atraso na quitação da dívida			
Romancista goiano de "O Tronco"			"Rotação", em rpm				

BANCO 3/sit./4/elar — food. 5/capri. 8/softistas. 9/via-látcea. 12/bernardo élis. 31

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA

#FaçaCoquetel | @coquetel

ASSINE AGORA! | www.coquetel.com.br

Solução

S	I	L	O	R	D	O	R	N	V	E	R
A	M	O	O	U	A	V	A				
P	O	O	A	C	A	L	F	A	L	I	
S	A	S	T	A	S	F	O	S	I		
C	I	N	B	S	C	R	E				
O	S	A	U	S	C	A	N	E			
E	S	S	E	T	R	E	N	S	I		
D	N	C	A	V	A	T					
A	N	O	B	R	A	N	O	L	T		
M	A	L	E	C	R	I					
E	L	I	A	L	I	S					
T	S	V	A	R	O	R	I	O	M		
S	V	V	A	V	L	A	P				
I	N	I	M	P	C	U					
A	S	A	T	I	V	A					

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Sustente as boas relações, mesmo quando estiverem momentaneamente difíceis. Concentre-se nas relações familiares fundamentais para você encontrar seu próprio eixo.

Touro: É tempo de assentar as rotinas, de incluir os novos afazeres, incorporando as novidades como se estivessem aí há muito tempo. Convém não perder o ritmo no trabalho.

Gêmeos: Fazer com gosto, dando o melhor de si, é o meio de consolidar hoje as mudanças que vem empreendendo. Não importa o objeto sobre o qual se debruce, faça-o integralmente.

Câncer: Momento em que você é capaz de mostrar uma nova imagem pessoal, com naturalidade. Nada de inventar problemas ou necessidades complicadas. Seja você mesmo, apenas.

Leão: A fase de problemas precisa ser bem lidada por você. Atenção a relações ou interesses que lhe tirariam de seu rumo verdadeiro, mesmo movidos por parentes urgências.

Virgem: Os projetos de trabalho são agora incorporados à rotina de vida, tenham eles se realizado plenamente ou não. Não obstante, continue se dedicando a eles com o mesmo afinco.

Libra: Momento adequado para você extrair certos conteúdos do mais fundo de seu ser. Considere que para estar inteiro é preciso incluir os sentimentos.

Escorpião: Estabeleça ordem em seus compromissos, relações e acordos. Não tente agora passos largos adiante. Fique onde está e utilize bem o que tem agora em mãos.

Sagitário: O Sol aflige seu regente, Júpiter, indício de que pode gastar muita energia para erguer ou sustentar uma relação que, no fim, nem precisaria. Evite assim desperdiçar energia.

Capricórnio: As associações e alianças recém-formadas devem ser melhor integradas a sua vida. Mas ainda há muito a investir nelas. Não fique se poupando, mas trabalhe para valer.

Aquário: Com seu trabalho e relações, você consolida certas posições, valores e comportamentos. O teste agora é enfrentar a realidade material e as responsabilidades que mais pesam.

Peixes: É preciso manter-se concentrado nas relações familiares e afetivas, para que se consolidem e você comece a se valer de seus benefícios.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

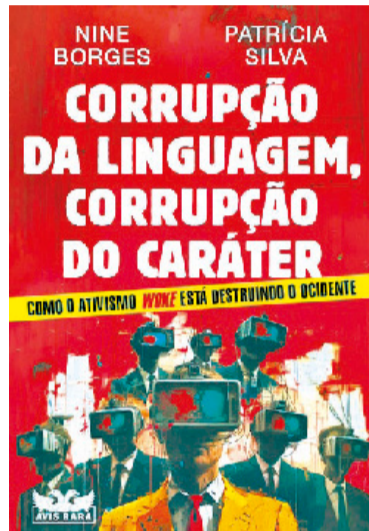
O woke e a cultura do cancelamento

A cultura do cancelamento e do politicamente correto está abalando os alicerces de nossa civilização. O termo woke, literalmente, significava apenas acordar, despertar. Em vista da cultura e do ativismo woke, especialmente nas últimas décadas, o Dicionário Oxford definiu o termo com significado mais amplo: "woke é estar consciente sobre temas sociais e políticos." Mas as coisas não são tão simples, até porque o woke, assim como o pós-modernismo, não apresenta critérios muito definidos e tem provocado críticas de muitos setores, de centro, esquerda e direita e outros mais.

Corrupção da Linguagem, corrupção do caráter - Como o ativismo woke está destruindo o ocidente (Avis Rara - Faro, 160 páginas, R\$ 44,90), de Nine Borges, Doutora em Educação pela UFRJ e crítica de ideias anticientíficas promovidas pelo pensamento woke, e Patrícia Silva, pós-doutora em Sociologia pela

UFRJ, comunicóloga, pedagoga, influenciadora digital e escritora, é um consistente e contundente manifesto sobre a cultura do cancelamento e o advento do woke, e está sendo publicado em boa hora, quando o mundo anda às voltas com um ativismo forte e agressivo, que não respeita, no mais das vezes, quem pense, fale ou escreva contrariamente às frases feitas e dogmas do woke. A obra está bem fundamentada em textos acadêmicos e mostra como a demonização da opinião contrária está solapando as bases culturais, políticas e linguísticas do ocidente.

As autoras falam sobre o que é ativismo woke, origens, significados e raízes. Os terríveis mecanismos de operação do woke são abordados: corrupção da democracia, da linguagem, da ciência e do caráter. As autoras detalham igualmente a infiltração do woke nos movimentos sociais, como o movimento negro, o feminismo, transativismo



e veganismo. Na parte final, as autoras mostram como encapsular o wokeísmo e buscar pensar além de esquerda e direita.

Para as autoras, o woke com o tempo perderá poder. Serão acolhidos os cancelados pelo autoritarismo, o ativismo e intolerância daqueles que se julgam superiores e melhores dos que os outros e que se acham donos das verdades.

e palavras...

ORQUESTRA SANFÔNICA MUNDIAL

Não, queridos leitores, não estou falando de uma Orquestra Sinfônica Mundial, composta, literalmente, de sanfonas e sanfoneiros. Falo da não muito afinada e metafórica Orquestra Sanfônica Mundial integrada por gordinhos, gordos e gordões e de gordines, para ser politicamente correto. Como todo mundo sabe, boa parte dos obesos e dos que estão com sobrepeso, além de sofrer com o efeito estufa, sofrem com o efeito sanfona e vivem engordando e emagrecendo vida afora. Não é fácil.

Obesidade é doença crônica, multifatorial e que muitas vezes se faz acompanhar de baixa autoestima, ansiedade, depressão e outras moléstias. Os portadores da doença do prato são em torno de um bilhão no planeta e o número tende a aumentar. Há mais pessoas no mundo morrendo por excesso de comida do que por falta. No Brasil, 55% das pessoas estão acima do peso e 20% apresentam obesidade. Os números se aproximam dos índices dos Estados Unidos, onde a situação é ainda mais preocupante.

Órgãos públicos e privados se movimentam. Melhor prevenir a obesidade do que arcar com os prejuízos que a doença traz para a saúde física e mental e o bolso de todos, especialmente dos governos, nos vários níveis. Nosso Congresso Nacional deveria dar mais atenção ao tema, diante dos números gritantes, dos problemas atuais e dos problemas futuros que teremos se não encarmos a situação como ela merece.

As indústrias de medicamentos, a prestação

de serviços de saúde e os fornecedores de outras mercadorias e serviços para os obesos obviamente estão atentos. Por vezes, na mídia, os interesses comerciais se sobrepõem aos interesses de prevenção e cuidados com a saúde pública. Há medicamentos para tratamento de obesidade bem caros, e alguns chegaram a andar em falta, apesar de custarem, por vezes, centenas ou milhares de reais.

Notadamente nos últimos cem anos, o tratamento para obesos girava em torno de perder calorias comendo menos e adequadamente e praticar exercícios. Com consumo de alimentos ultraprocessados, sedentarismo e alguns hábitos alimentares pouco saudáveis, populações de muitos países ganharam peso a mais, como a dos Estados Unidos. O problemão de saúde esta aí, de caráter global. A Organização Mundial da Saúde está atenta ao problema mundial da obesidade e tem desenvolvido ações a respeito.

Medicamentos, cápsulas milagrosas de muitos tipos, tratamentos cirúrgicos e estéticos e dietas de vários tipos aparecem a todo momento, para ajudar ou iludir os obesos. O mercado, como se sabe, é grande e está aumentando. É preciso cautela, muita cautela, com tantas ofertas para emagrecimento rápido e soluções por vezes muito estranhas. Mesmo em relação a medicamentos para emagrecimento aprovados por órgãos competentes, é preciso cuidado, ouvir opiniões médicas confiáveis e, se for o caso, fazer exames clínicos periódicos para ver o andamento do tratamento com medicação.

A propósito

Quando, no Brasil, nossas refeições eram feitas sem alimentos processados e éramos menos sedentários, não tínhamos esses números preocupantes de sobrepeso e obesidade. É certo que, lá pelos anos 1970, o brasileiro vivia em torno de 55 anos, e hoje vive em torno de 75 anos, mas o arroz

com feijão, bife, ovo, salada e batata funcionavam bem e até hoje compõem uma dieta saudável. Dormir bem, fazer exercícios e se alimentar de forma saudável é o tripé para viver mais e melhor. Quem sabe aí a Orquestra Sanfônica dos fofinhos fique no passado. (Jaime Cimenti)

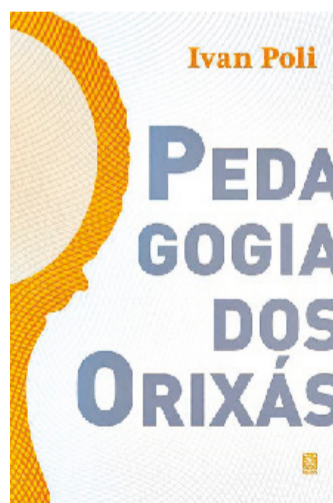
Lançamentos



► **Maragatos & Pica-Paus: Guerra civil e degola no Rio Grande** (L&PM Editores, R\$ 49,90, 132 páginas), clássico do jornalista e escritor Carlos Reverbel, traz a sangrenta Revolução de 1893, que durou 31 meses e deixou 10 mil vítimas - mais de mil por degola. Foi dos maiores conflitos no Brasil, com maragatos e chimangos em lutas políticas, econômicas e militares.



► **Vidas secas** (Global Editora, 144 páginas, R\$ 44,00), nova edição do clássico romance do grande jornalista e escritor Graciliano Ramos, com narrativa precisa e penetrante mostra, com destreza, os destinos de uma família sertaneja castigada pela seca, em busca de futuro melhor. Um casal, dois filhos e a cachorra Baleia vivem a saga retirante.



► **Pedagogia dos Orixás** (Pallas Editora, 368 páginas, R\$ 85,00), de Ivan Poli, professor, escritor, pesquisador e especialista em estudos de mitos iorubás e seus reflexos no Brasil, traz elementos para fixar novas relações culturais na construção de arquétipos de base em nossa educação, reconhecendo a base mítica de nossa matriz africana e os heróis negros.

pensando cultura

Festival Movimenta Cena Sul traz 15 espetáculos gaúchos em sessões gratuitas

Porto Alegre será palco, a partir desta sexta-feira, de uma importante iniciativa para a retomada das artes cênicas no Estado: o Festival Movimenta Cena Sul. A ação emergencial, anunciada pelo governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), para apoiar trabalhadores da cultura afetados direta ou indiretamente pelas enchentes, reunirá 15 espetáculos gaúchos para apresentações, até o próximo dia 27, nos diferentes espaços administrados pela Fundação Theatro São Pedro (FTSP). Serão nove dias ininterruptos de apresentações, com montagens de teatro, circo e dança para o público aproveitar gratuitamente no palco principal, no Teatro Oficina Olga Reverbel, na Concha Acústica, na Sala da Música e na Praça Multipalco.

A programação destaca importantes montagens produzidas em seis cidades do Rio Grande do Sul, incluindo espetáculos premiados e com extensa trajetória, assim como produções mais recentes, todos escolhidos por uma criteriosa curadoria, após avaliação de mais de 150 inscritos. As sessões são variadas e vão de clássico inspirado em Shakespeare a teatro de máscaras e bonecos, passando ainda por um espetáculo infantil e dramas que destacam diferentes assuntos, como questionamentos existenciais, feminismo, masculinidade, vulnerabilidade social, raça e a relação dos seres humanos com o meio ambiente.

A abertura do festival será no dia 19, às 20h, com o espetáculo circense *Dalí*, que utiliza acrobacias, contorção, malabares, parkour e perna de pau para resgatar o universo de um dos maiores ícones da arte surrealista do mundo. Da Capital, também foram selecionadas as peças *Instinto*, do Projeto GOMPA; *O Inverno do Nosso Descontentamento - Nosso Ricardo III*, da Cia Teatro ao Quadrado; *Zaze-Zaze: Uma Festa para Vavó*, da Usina do Trabalho do Ator; *A mulher que queria ser Micheline Verunschik*, da Cia Stravaganza; assim como os espetáculos de dança *Cotidiano Urbano*, do Restinga Crew; *Persona*, da Ânima



ROGÉRIO JAQUES/DIVULGAÇÃO/JC

Espectáculo circense *Dalí* abre a programação, que começa nesta sexta-feira e vai até 27 de julho em diferentes espaços da Fundação Theatro São Pedro

Cia de Dança; *Onde está Cassandra?*, da drag queen Cassandra Calabouço; e *Ecos*, da Transforma Cia de Dança.

Montagens de outras cidades gaúchas também poderão ser conferidas, como *Habite-me*, que conta com atuação e pesquisa de Carolina Garcia, de Morro Reuter; o espetáculo cênico-performático-social *Ubumpuru Transversal - Uma Corpa Marginal*, estrelado pela multiartista AJeff Ghenes, de Veranópolis; e as peças *Mulheragem*, da Cia Dramática, de Imbé; *Laysa Taylor: Memórias de uma Diva*, do Núcleo de Póiesis Teatrais, de Santiago; e *Mesa Farta*, do Grupo Pretagô, de São Leopoldo. Para crianças e adolescentes, haverá ainda a primeira apresentação na capital de *O Sol de Cada Um*, da Sintonia Teatral, de Santa Cruz do Sul.

Antes de todas as apresentações, o público ainda será recepcionado por performances especiais realizadas por 27 artistas circenses contratados pelo Instituto Estadual de Artes Cênicas (IEACEN). Os ingressos para todos os espetáculos podem ser retirados sem custo na chapearia do Theatro São Pedro, que funcionará de terça a sexta-feira, das 11h às 19h, e aos sábados e

domingos, das 15h até o horário de início das apresentações. A programação completa está disponível no site www.theatrosaoopedro.com.br.

As 15 produções foram selecionadas através de uma chamada pública, utilizando critérios como consistência da concepção artística, criatividade e inovação, assim como a trajetória da equipe do espetáculo e a realização de ações afirmativas com inclusão e protagonismo de grupos sociais sub-representados. Participaram da curadoria representantes do IEACEN e da FTSP, além de seis profissionais da cidade civil com atuação na área: Ilda Celina, Zé Adão Barbosa, Rafael de Moura, Pedro de Camillis, Natália Dornelles e Silvia Maciell.

O evento emergencial ainda contempla quatro oficinas virtuais, destinadas a 160 profissionais de arte cênicas, assim como a seleção de 30 intervenções artísticas que serão realizadas nos municípios do Estado entre os dias 16 de agosto e 1º de dezembro. Com todos esses desdobramentos, o projeto prevê oportunidades para cerca de 300 trabalhadores do setor, além de impactar mais de 10 mil espectadores pelo território gaúcho.

Confira a programação do Festival:

- 🕒 19 de julho, sexta-feira, às 20h, no Theatro São Pedro *Dalí* (Circo - Porto Alegre)
- 🕒 20 de julho, sábado, às 20h, no Theatro São Pedro *Onde está Cassandra?*, de Cassandra Calabouço (Dança - Porto Alegre)
- 🕒 21 de julho, domingo, às 18h, no Theatro São Pedro *A mulher que queria ser Micheline Verunschik*, da Cia Stravaganza (Teatro - Porto Alegre)
- 🕒 22 de julho, segunda-feira, às 19h, no Teatro Oficina Olga Reverbel *Ubumpuru Transversal - Uma Corpa Marginal*, de AJeff Ghenes (Teatro - Veranópolis)
- 🕒 22 de julho, segunda-feira, às 20h, no Theatro São Pedro *O Inverno do Nosso Descontentamento - Nosso Ricardo III*, da Cia Teatro ao Quadrado (Teatro - Porto Alegre)
- 🕒 23 de julho, terça-feira, às 19h, no Teatro Oficina Olga Reverbel *Mesa Farta*, do Grupo Pretagô (Teatro - São Leopoldo)
- 🕒 23 de julho, terça-feira, às 20h, no Theatro São Pedro *Ecos*, da Transforma Cia de Dança (Dança - Porto Alegre)
- 🕒 24 de julho, quarta-feira, às 15h, na Sala da Música

- O Sol de Cada Um*, da Sintonia Teatral (Teatro - Santa Cruz do Sul)
- 🕒 25 de julho, quinta-feira, às 17h, na Sala da Música *Laysa Taylor: Memórias de uma Diva*, do Núcleo de Póiesis Teatrais (Teatro - Santiago)
- 🕒 25 de julho, quinta-feira, às 19h, no Olga Reverbel *Mulheragem*, da Cia Dramática (Teatro - Imbé)
- 🕒 25 de julho, quinta-feira, às 20h, no Theatro São Pedro *Instinto*, do Projeto GOMPA (Teatro - Porto Alegre)
- 🕒 26 de julho, sexta-feira, às 19h, no Teatro Oficina Olga Reverbel *Habite-me*, da Líria Cultural (Teatro - Morro Reuter)
- 🕒 27 de julho, sábado, às 15h, na Praça Multipalco *Zaze-Zaze: Uma Festa para Vavó*, da Usina do Trabalho do Ator (Teatro - Porto Alegre)
- 🕒 27 de julho, sábado, às 17h, na Concha Acústica *Cotidiano Urbano*, da Restinga Crew (Dança - Porto Alegre)
- 🕒 27 de julho, sábado, às 19h, no Teatro Oficina Olga Reverbel *Persona*, da Ânima Cia de Dança (Dança - Porto Alegre)

Mais informações em www.theatrosaoopedro.rs.gov.br